

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 27 DE MAIO DE 2002

*Estimado amigo, ilustre Ministro e Presidente do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio de Mello; Meu caro Embaixador Araújo Castro, que exerce interinamente o Ministério das Relações Exteriores; Embaixador Baena Soares, Chanceler da Universidade Estácio de Sá; Ministros de Estado presentes; Embaixadores; Parlamentares; Diplomatas; Representantes das Universidades; Senhoras e Senhores,*

É com muito prazer que me associo a este lançamento de um livro sobre as personalidades que estiveram à frente da nossa história republicana nos últimos 113 anos.

Quero, primeiro, me congratular com a Universidade Estácio de Sá pela iniciativa de colocar à disposição do público uma obra que é de leitura agradável – foi dito pelo nosso Chanceler – sobre diferentes Presidentes e que inclui, num tributo muito justo, o Presidente Tancredo Neves.

Do que eu li, me agradou o tom coloquial do livro, não faltando, como já foi mencionado, referências à dimensão humana das pessoas

que ocuparam a Presidência, sem prejuízo dos dados básicos para a análise de cada mandato presidencial.

As informações são apresentadas, efetivamente, com muita leveza e, até mesmo, com um certo humor. Bem ao gosto da nossa cidade querida do Rio de Janeiro, que hospedou tantos Presidentes e onde está a sede da Estácio de Sá, que hoje é um dos emblemas daquela cidade e que, agora, para surpresa minha, que não sabia – e noto que o Chanceler também não – se espraia pelo Brasil afora. Mas espero que guarde a característica carioca da universidade. Isso agrada, pelo menos, alguns de nós aqui presentes.

Mas, certamente, o que prevalece no livro é uma preocupação didática, para esclarecer o legado dos Presidentes, as circunstâncias em que os Presidentes atuaram.

Certamente, o primeiro beneficiado da leitura do livro sou eu próprio, que posso ver melhor como foi a vida e quais foram os desafios encontrados pelos meus antecessores. Isso me leva, naturalmente, a aumentar a dose necessária de humildade para perceber que o Presidente é apenas um elo de uma história de muitas conquistas, de muitas dificuldades, mas que, graças a Deus, no Brasil, tem sido predominantemente democrática.

Devo dizer que é sempre um pouco incômodo, para quem ainda é Presidente, ver-se na história. Ainda não terminou. Mas, enfim, ao mesmo tempo é motivador, porque leva, realmente, a essa sensação de cidadania que é muito útil para quem exerce funções públicas, não imaginar que é estátua. Porque, quando acreditam que são estátuas, aí estão perdidos.

É preciso que as pessoas se exponham, se deixem expor, acho que é um exercício de democracia. Inclusive ver, com esse espírito de liberdade que é característica nossa, no Brasil, o modo pelo qual se está sendo julgado. É uma coisa interessante, é uma experiência humana enriquecedora.

Nem sempre damos o peso e o valor devidos ao fato de que mais de dois terços da nossa experiência republicana, nós a tivemos dentro de um sistema de usufruto das liberdades públicas.

E, mesmo nos momentos de arbítrio – infelizmente tivemos alguns, dolorosos, com a liberdade suspensa ou semi-suspensa –, a atividade parlamentar geralmente se manteve. É um fato pouco divulgado no Brasil, mas o Congresso Nacional é uma instituição das mais antigas do mundo, como forma de organização democrática. Começou em 1823 e, somando-se todos os períodos em que o Congresso esteve fechado, não chega a dez anos. Num período de quase 200 anos, convenhamos que é um exemplo que devia ser mais frisado: a tradição parlamentar e a tradição de manutenção de uma Casa de encontro de posições políticas, de representação popular, existem de tal modo que, mesmo nos momentos de arbítrio, é difícil fechar o Congresso.

Isso não é tão comum quanto possa parecer. E, também, não é tão comum o reconhecimento de que é um dos Parlamentos mais antigos da história. Poucos Parlamentos têm uma vivência tão longa e tão contínua.

Isso mostra, também, que o nosso Estado é bastante antigo. E essa presença marcante do Parlamento, tanto no período monárquico quanto no período republicano, é alguma coisa que deve ser ressaltada.

E, mesmo nos momentos de dificuldade – sou isento para falar dessa matéria –, por exemplo, no ciclo iniciado em 1964, houve um funcionamento, com parlamentares e algumas vozes com reconhecido brilho e integridade, tentando, apesar de todos os constrangimentos que havia, manter acesa a chama da liberdade.

Podemos ter a satisfação em ter não apenas um Parlamento antigo e instituições enraizadas, como também pelo fato de que houve – e há – um relacionamento importante entre os vários Poderes, uma prática de relacionamento entre os Poderes.

Aqui, temos o exemplo disso. O Presidente do Supremo tem – e eu disse a ele há pouco – a possibilidade que eu não tenho: ele é Bipresidencial. Quando eu viajo, ele é Presidente da República; quando eu volto, ele é Presidente do Supremo. E eu nunca consegui ser Presidente do Supremo Tribunal Federal...

É um exemplo, realmente, de convivência entre os Poderes que é muito significativo. A mesma coisa se dá no que diz respeito ao nosso Congresso. Nesse histórico valioso de relacionamento entre os Poderes,

o Executivo sempre tem um papel preponderante, sejamos claros, mas tem sido temperado. Não tem sido um Executivo abusivo, sobretudo nas últimas décadas. O Legislativo e o Judiciário também têm atuado porque estão cientes de seus deveres, que são indeclináveis, de aprimoramento continuado do regime democrático. Em suma, procuramos exercer a famosa teoria dos *checks and balances*, de um equilíbrio entre os Poderes, de uma harmonia. A Constituição fala nisso. São Poderes independentes, mas harmoniosos; devem se complementar. E esse espírito de convivência e de tolerância democrática tem sido muito importante.

Este livro pode ser visto, portanto, como parte do aprendizado desse processo todo e – já foi dito pelo Embaixador Baena Soares – também como um instrumento de cidadania. É uma coisa que tem suma importância. A existência de uma opinião pública sensível ao valor dos símbolos e das instituições é muito importante para o fortalecimento da nacionalidade e para o fortalecimento da própria democracia.

Devemos zelar por uma instituição como a Presidência. Normalmente, talvez não se tenha ressaltado tanto a Presidência como instituição. Não é o Presidente. O Presidente exerce um papel, mas a Presidência é uma instituição importante no sistema de Governo. Ao zelar por isso, como faz, agora, a Estácio de Sá com esta publicação, estamos também zelando, ao mesmo tempo, pelo princípio da soberania popular, pelo princípio representativo, que fundamenta o Congresso, e também pelo papel do Executivo no sistema presidencialista. E isso, temos que reconhecer, já começa a ser entre nós uma prática absolutamente tranqüila.

Dentro de pouco tempo, vamos ter uma eleição, e o povo, de novo, vai escolher seu Presidente. Independentemente dos candidatos que cada um de nós possa ter – eu, certamente, tenho –, temos que valorizar também o fato de que, em maior ou menor grau, todos os candidatos, na verdade, que estão aí, na liça, olham para o futuro com confiança e se distanciam de posições radicais. Começa-se realmente a ter um sistema democrático em pleno funcionamento, porque não há a mais remota possibilidade de alguém que venha com propostas de retrocesso político, do tipo que já tivemos no passado, de cerceamento de liberdades

ou mesmo de não entender o funcionamento entre os Poderes e de voltar a um sistema de intolerância.

Isso coloca a nossa situação, as próprias eleições presidenciais, o sistema que gerou tantos Presidentes aqui, com esse aperfeiçoamento crescente, num patamar diferenciado, quando olhamos o que acontece, infelizmente, à nossa volta. Nem sempre é assim. Nem sempre existe esse espírito de tranqüilidade democrática que tem prevalecido no Brasil e que foi tão bem assimilado pela população brasileira, que cobra exatamente que haja continuidade desse espírito de convivência democrática.

De modo que temos, realmente, várias razões para nos orgulharmos de nosso mais de um século de história republicana.

É claro que existem dificuldades. É claro que temos uma conjuntura internacional que, freqüentemente, é instável. Mas nada, nada mesmo, vai arrefecer a nossa determinação como povo, assim como dos seus representantes, de continuarmos avançando na construção de um país democrático que possa ser cada vez mais justo e mais decente, para que as pessoas possam viver não apenas de maneira cordial, mas com uma fruição melhor daquilo que já é possível alcançar hoje, graças ao enriquecimento do País e ao progresso técnico.

Tenho convicção de que a história republicana que está aqui representada vai continuar tendo capítulos venturosos. Vez por outra, a aventura parece que vira tempestade. Mas, no dia seguinte, vem de novo a bonança, porque não são tempestades que ponham em causa os valores fundamentais da nossa convivência democrática. São, às vezes, dificuldades de ordem política, de ordem econômica, eventualmente, com reflexos sociais, mas nunca colocando em questão os fundamentos dessa democracia que estamos construindo ao longo de toda a nossa história.

De modo que eu queria agradecer muito o que foi feito pelos pesquisadores, pela Estácio de Sá, e dizer que, daqui por diante, o de que precisamos – eu, pelo menos – é ter um pouquinho de tempo – daqui a uns meses, terei – para poder saborear e não ler às pressas, como os Presidentes são obrigados a ler. E quando o Embaixador me deu este

livro, eu disse a ele: “Embaixador, não é livro para o Presidente. Mas, como é por capítulos, vou voltar a ler capítulo por capítulo e tenho certeza de que vou aprender muito.”

Agradeço muito a todos vocês. Muito obrigado.